

MOVETE

POLITÉCNICO SETÚBAL

Jornal do Politécnico de Setúbal | Ano 2019 | janeiro/fevereiro | Propriedade: Instituto Politécnico de Setúbal



“O DEBATE SOBRE A IGUALDADE NA ESCOLA AINDA EXCLUI A QUESTÃO RACIAL”

Cristina Roldão, docente da ESE/IPS, fala sobre o Roteiro para uma Educação Antirracista, ciclo de debates que, até junho, vai percorrer vários espaços de Setúbal, propondo uma reflexão multidisciplinar sobre a questão racial como fator de discriminação, na escola e fora dela. | p6-7

PROGRAMA BRIGHTSTART: ENTRE A ESCOLA E O MERCADO DE TRABALHO

| p4-5

DIPLOMADOS IPS DESTACAM-SE NO MUNDO EMPRESARIAL

Tecnológica Affinity e Grupo Multipessoal recrutam novos quadros

| p8-9

IPS MAIS ATRATIVO ALÉM-FRONTEIRAS

Demos as boas-vindas a 85 novos estudantes estrangeiros e recebemos o ministro da Ciência da Sérvia | p10-11





ÂNGELA LEMOS

Desde a primeira infância ao ensino superior os projetos educacionais devem centrar-se não apenas nos conteúdos, nos saberes científicos, mas também na construção de valores que respeitem e valorizem os direitos de cada cidadão.

Numa época em que renascem ideologias nacionalistas, na Europa e no mundo, só a educação pode travar extremismos. Não existe outro meio que não a educação para aprendermos a aceitar a diversidade de saberes, crenças e valores. Este caminho só é possível se assumirmos a mudança como uma das responsabilidades das instituições educativas, encontrando caminhos diferenciados para uma sociedade mais igualitária e inclusiva.

Os professores estão no centro desta mudança, mas para tal é necessário que assumam, nas diferentes áreas do conhecimento, um papel ativo na discussão do mundo que nos rodeia e na concretização das alterações necessárias.

Não podemos ignorar as abissais mutações atuais, a construção de muros ao invés de pontes, o extremismo ao invés da tolerância. A consideração e respeito pelo outro envolve toda a sociedade, acima de tudo envolve “a educação, a formação, o mundo do trabalho e as perspetivas que as pessoas têm, ou as perspetivas que elas não têm” (Emmanuel Dessendier a propósito do atentado no Jornal Charlie Hebdo).

Centrando-nos no Ensino Superior, urge atuar para transformar o modo como ensinamos e como os estudantes aprendem. Esta transformação centra-se em todas as áreas do conhecimento e ciclos de formação. A forma como damos a voz aos estudantes e como permitimos que intervenham no(s) modo(s) como aprendem é fundamental na construção de uma sociedade mais igualitária, humana e tolerante.

As salas de aula/laboratórios não podem ser o único ou o principal espaço de ensino-aprendizagem: a transmissão tem que dar lugar à participação. As metodologias colaborativas, a diversidade de oportunidades na construção do conhecimento, a liberdade de escolha dos percursos formativos, a relação com as organizações, criando dinâmicas na relação com o mercado de trabalho, a diversidade de ações fora dos “muros” da escola são fundamentais na educação dos jovens e de muitos dos adultos que ingressam no ensino superior à procura de um “lugar melhor”.

A educação igualitária não é simplesmente um direito do cidadão, é uma questão de respeito pelo outro. Sabemos que os estudantes não tiveram todos as mesmas condições de escolarização e de sucesso escolar, por isso, temos a obrigação de criar condições para reduzir e, acima de tudo, não promover as desigualdades educacionais. É pela diversidade que se aprende e se constrói o conhecimento. Este é um requisito básico do Ensino Superior.

Vice-presidente do IPS

ESPECIALISTAS EM EDUCAÇÃO COORDENAM FORMAÇÃO DE

Programa em Investigação Baseada na Prática



Dois docentes finlandeses, da Universidade de Ciências Aplicadas de JAMK (Faculdade de Educação de Professores), dinamizaram no IPS, entre 4 e 8 de fevereiro, uma ação de formação em Practice-Based Research – PBR (Investigação Baseada na Prática), que envolveu cerca de 40 docentes das suas cinco escolas.

O plano de formação, que vai prolongar-se até outubro de 2019, contemplando ainda um período de sessões de orientação/apoio online e uma segunda semana em regime presencial, visa apoiar o corpo docente do IPS no desenvolvimento e consolidação de metodologias pedagógicas ativas, tendo em vista, em última instância, o sucesso académico dos seus estudantes e uma maior competitividade no mercado de trabalho.

Leena Kaikkonen, reputada especialista em Educação com mais de 20 anos de experiência internacional na área da formação de professores do ensino superior, é a responsável pedagógica por este programa em

PBR, que pela primeira vez chega ao ensino superior politécnico português. “Parece-nos que os politécnicos em Portugal estão numa fase de abrirem as suas asas na área da investigação e consideramos que este tipo de abordagem permite uma maior conexão com as empresas e as organizações”, explica a formadora. Para Leena Kaikkonen, “também se trata do facto de os politécnicos terem um papel diferente no contexto do ensino superior, o que se deve traduzir numa investigação que é baseada no desenvolvimento de práticas próprias”. “Não se trata de copiar o que as universidades estão a fazer, mas de afirmar a sua identidade enquanto politécnicos”, conclui.

A ação insere-se no programa de Formação e Desenvolvimento Profissional Docente do IPS e, entre os seus objetivos, contempla a capacidade de integrar o mundo do trabalho no processo de ensino-aprendizagem, bem como de desenvolver e implementar projetos de Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação, reforçando a ligação do

FORMAÇÃO FINLANDESES E DOCENTES

ca estreia-se no ensino politécnico português



IPS às empresas e organizações locais, regionais e nacionais.

Sendo uma referência mundial na área da Educação, a Finlândia tem na Faculdade de Educação de Professores da Universidade de Ciências Aplicadas de JAMK,

congénere do IPS, uma entidade formadora com vasta experiência na implementação de projetos de Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação, à escala nacional e por todo o mundo. A sua intervenção, desde a década de 90, deixou rasto

na Europa, Sudoeste Asiático, Oriente Médio, América do Sul, África e Rússia.

de quem ingressa atualmente no ensino superior. I

Promover práticas ativas de ensino-aprendizagem

Um universo de 124 professores, de todas as cinco escolas superiores do IPS, vão estar envolvidos no plano de Formação e Desenvolvimento Profissional Docente para 2018/2019, iniciado em novembro com uma ação no âmbito da Pedagogia e Desenvolvimento Curricular no Ensino Superior. A formação, com uma duração de 42 horas, foi desenvolvida em quatro módulos – Portefólios Digitais, Metodologias de Trabalho, Português para Fins Académicos e Avaliação das Aprendizagens – e vai ter continuidade, até maio, com o Laboratório de Pedagogia no Ensino Superior (21 horas).

Na sua globalidade, o atual plano de formação para docentes traduz a aposta do IPS no desenvolvimento de práticas inovadoras e ativas de ensino-aprendizagem, que melhor respondam aos novos desafios da digitalização e ao perfil sociocultural, cada vez heterogéneo,

A formação, que vai prolongar-se até outubro de 2019, visa apoiar o corpo docente do IPS no desenvolvimento e consolidação de metodologias pedagógicas ativas, tendo em vista o sucesso académico dos seus estudantes



COM UM PÉ NAS AULAS E OUTRO NO TRABALHO

Programa de formação Brightstart é uma parceria IPS/Deloitte



No espaço de menos de dois anos, Vasco Pinho passou dos bancos da secundária, onde aprendeu os rudimentos de Programação, para um contexto de trabalho real, desenvolvendo projetos para clientes da Deloitte. Um salto de gigante que não teria sido possível se não tivesse decidido “arriscar” numa formação inédita, um curso técnico superior profissional (CTeSP) na área das Tecnologias Informáticas então a começar na Escola Superior de Tecnologia de Setúbal (ESTSetúbal/IPS), em parceria com a consultora multinacional.

Com espaço próprio nas instalações da ESTSetúbal/IPS, o programa, que dá pelo nome sugestivo de BrightStart (começo brilhante), é uma espécie de limbo entre o universo académico e o empresarial, uma zona de transição, onde ainda não se deixou de ser estudante,

mas já se tem a experiência real do dia a dia de uma empresa. Vasco é um dos 21 estudantes que atualmente frequentam o 2.º ano, no ramo de Products, Services, Utilities and Resources (PSUR) e, com o percurso que já fez, não tem dúvidas em recomendá-lo a quem tiver interesse nesta área. “Numa fase inicial, gera algum receio trabalhar com projetos reais, mas depois isso também nos cria um sentido de responsabilidade e contamos com todo o apoio de profissionais da Deloitte, que estão sempre presentes”, explica.

Inspirado num programa homónimo, desenvolvido pela Deloitte em Belfast, Irlanda do Norte, em parceria com a Universidade de Ulster, o programa BrightStart decorre da estratégia de responsabilidade social da empresa, garantindo o financiamento total da formação em Tecnologias Informáticas, o que inclui

propinas, emolumentos, uma bolsa que se estende pelos cinco anos de duração do programa (licenciatura) e ainda um computador portátil igual ao de qualquer outro funcionário da Deloitte.

João Rodrigues, também no 2.º ano (área de Financial Services), sublinha a “oportunidade de entrar no mercado de trabalho pelas mãos de uma empresa reconhecida” e uma “aprendizagem em contacto com a realidade atual, ou seja, com as tecnologias que são usadas ao dia de hoje”. Porém, na hora de apontar o BrightStart como opção para prosseguir estudos, faz uma ressalva: “Recomendaria a uma pessoa que estivesse mesmo empenhada em apostar na sua formação. Tem que ser alguém que queira estar nisto a 100 por cento”.

O processo de seleção é um dos traços inovadores deste CTeSP. Não

basta concluir o ensino secundário com uma boa média, é preciso demonstrar, através de dinâmicas de grupo e de duas entrevistas, competências de trabalho em equipa, comunicação, gestão do tempo, liderança, espírito crítico e resiliência. Todas elas *soft skills* fundamentais para um programa “com um nível de exigência muito grande e que implica que eles estejam oito horas diárias juntos, boa parte do tempo em trabalhos de equipa”, aponta Nuno Pina, docente da ESTSetúbal/IPS e coordenador do programa, a quem cabe, em última instância, validar as componentes letivas ministradas no curso, algumas delas inclusive em colaboração com profissionais da Deloitte. “É um curso muito prático – *hands on* – onde os estudantes têm que pôr as mãos na massa. Os conteúdos são também muito extensos e exclusivos. Aqui eles aprendem matérias que, em muitos, casos, não se dão em nenhuma universidade do País”, acrescenta.

Ao cabo de 12 anos de parceria estreita com o IPS, a instituição de ensino acabou por se afigurar como o “laboratório” natural para o desenvolvimento do BrightStart em



Portugal. Karla Pereira, *lead specialist* da Deloitte, não podia estar mais satisfeita com os resultados: “Na primeira edição tivemos 100 por cento de aproveitamento, a segunda também está a correr muito bem, e já estamos a pensar numa terceira edição. A nossa intenção é aumentar a empregabilidade na região e também dar uma oportunidade aos jovens que não têm condições de continuar os estudos”. Entretanto, descobrem-se e moldam-se “novos talentos” que podem, ou não, vir a integrar as equipas de colaboradores da empresa.

“Ao fim dos cinco anos do programa, se eles quiserem ir para outra empresa, são livres de o fazer. Não têm nenhum vínculo com a Deloitte”, frisa a representante da empresa.

Raparigas: “Arrisquem, não estão sozinhas!”

Ainda no primeiro semestre de aulas, todo ele dedicado à componente letiva – a partir daí a semana passa a ser dividida entre um dia e meio de aulas e três dias e meio de estágio – Marta Manteigas e Ismael

Lourenço, estudantes do 1.º ano, já perceberam que encontraram o que procuravam. “Mal começamos e estamos logo dentro da empresa, algo que, nos outros cursos, será difícil de facilitar e que nos abre portas no futuro”, refere Ismael, que chegou ao BrightStart por influência de um amigo, hoje a frequentar o 2.º ano do curso.

“Os colegas dos outros cursos trabalham em projetos para obter uma nota, nós começamos a trabalhar com clientes”, exemplifica Marta Manteigas, sem menosprezar o apoio monetário da Deloitte, que, no seu caso, foi um fator de peso na decisão de candidatura a este CTeSP. “Noutro curso, teria que arranjar um *part-time* para pagar as propinas”.

Ser a única mulher da turma começou por ser “intimidante”, mas muito rapidamente se sentiu integrada e tratada como uma igual. “Fui recebida de braços abertos pelos meus colegas, que todos os dias me ajudam, assim como eu os ajudo”. Por isso, conclui, não há mesmo razões para que as mulheres continuem arredadas do universo das Tecnologias de Informação: “Arrisquem, não estão sozinhas! E é uma das áreas em maior expansão.”



FORMAÇÃO DE PROFESSORES DO ENSINO PRIMÁRIO EM ANGOLA

Sete docentes da Escola Superior de Educação (ESE/IPS) cumpriram, entre 19 de janeiro e 2 de fevereiro, mais uma missão em Angola, no âmbito do projeto Aprendizagem para Todos (PAT), prestando assessoria na formação dos 668 formadores das Zonas de Influência Pedagógica (ZIP), em cinco polos do território: Soyo (Zaire), Luanda, Huambo, Saurimo (Lunda-Sul) e Lubango (Huíla).



O PAT, promovido pelo Ministério da Educação de Angola, em parceria com o Banco Mundial e a Fundação Calouste Gulbenkian, entra assim na sua terceira fase, cujas temáticas são a Diferenciação Pedagógica em Sala de Aula (Matemática e Língua Portuguesa) e a Educação Especial, apoiadas pela edição de duas publicações com o mesmo nome. Estes 668 formadores das escolas ZIP terão a seu cargo, em maio e agosto, a formação de 15 000 professores do ensino primário, espalhados por todas as províncias de Angola.

Simultaneamente, está a ser concluído um *kit* pedagógico para Matemática e Língua Portuguesa, com mais de centena e meia de Fichas de Trabalho para os cerca de 500 000 alunos abrangidos pelo projeto PAT, acompanhados de Guiões para o Professor com orientações metodológicas para o seu uso na sala de aula.

4.º SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE VOZ DISTINGUE DOCENTE DA ESS

Ana Mendes, docente da Escola Superior de Saúde (ESS/IPS), recebeu o prémio de Melhor Comunicação Oral no 4.º Simpósio Internacional de Voz. A distinção visou reconhecer a qualidade da apresentação do projeto EAVOCZ – Escala de Apreciação da Voz Cantada, com coautoria de Soraia Ibrahim, também investigadora em Terapia da Fala. A escala EAVOCZ, já publicada em livro, trata-se de um instrumento de apreciação áudio-percetivo da voz cantada, que surgiu como resposta a uma necessidade do projeto de investigação Vocologia do Fado, pioneiro e até agora único em Portugal, que se propôs caracterizar a voz cantada à luz de critérios científicos e também artísticos.

“O DEBATE SOBRE A IGUALDADE NA ESCOLA AINDA EXISTE”

Cristina Roldão (ESE/IPS) fala sobre o Roteiro para a uma Educação Antirracista

Em Portugal vive-se ainda um problema de “negação” face à existência de racismo, nomeadamente em meio escolar. Quem o afirma é Cristina Roldão, docente da Escola Superior de Educação (ESE/IPS) e investigadora que se tem debruçado sobre o racismo institucional que toca os afrodescendentes. Urge, por isso, suscitar o debate, desmontar crenças enraizadas e reconhecer a questão racial como um fator de discriminação, na escola e fora dela, criando políticas públicas correspondentes. É esse o contributo do Roteiro para a uma Educação Antirracista, inaugurado pela ESE/IPS a 26 de janeiro com o seminário “Memória, colonialismo e racismo no Portugal contemporâneo”, e que se prolonga até junho com vários debates mensais que podem ser frequentados em regime livre ou como formação para educadores e professores.

A pergunta que se impõe: os portugueses são ou não racistas?

Em Portugal há muito racismo. E um dos dilemas é exatamente haver muita dificuldade de falar desse assunto e de assumi-lo como um problema da sociedade portuguesa, tal como o machismo, a homofobia... Existem várias formas de discriminação que em Portugal nós já conseguimos discutir de forma mais ou menos pacífica, reconhecendo que há um problema e criando políticas públicas para dar conta disso. O debate sobre o racismo ainda é um debate muito difícil porque existe toda esta postura de negação da existência do problema.

É ainda um assunto tabu?

Sim, porque há toda uma questão histórica que é muito presente. O período da independência das então colónias africanas portuguesas foi há muito pouco tempo em termos históricos. Ainda há muitas pessoas que guardam uma relação difícil com estes territórios e com este debate.

Quais são os contornos da discriminação racial em Portugal? Onde é que ela se manifesta, quais são as suas principais vítimas?

É uma questão que é transversal a vários grupos. Este roteiro é especialmente sobre os afrodescendentes e a questão de África, mas existem muitos outros grupos que sofrem racismo em Portugal, as comunidades ciganas, asiáticas, islâmicas... Há aqui duas grandes questões que há que distinguir. Uma é a discriminação direta, o insulto, as piadas, que é terrível e deve ser punida e combatida, obviamente, mas que, para mim, não é a forma mais nefasta de racismo. O pior do racismo é toda a parte inconsciente, subliminar e de normalização.

Habitámo-nos a que existam grupos que estão numa condição muito pior do que outros sem que isso nos aflija. Por exemplo, a grande chegada, em toda a década de 90, de população migrante à Área Metropolitana de Lisboa que depois, com o programa especial de realojamento, vai ser recolocada em bairros de habitação social. Estamos a juntar pessoas mais ou menos com o mesmo perfil social e étnico-



racial, em contextos em que, muitas vezes, não existem grandes recursos, não existem equipamentos, a rede de transportes é fraca, as possibilidades de emprego na zona também. E todos nós estamos perigosamente anestesiados com isto. Não nos causa grande impacto percebermos, por exemplo, que a determinada hora do dia, na linha de Sintra, quase todos os comboios vão cheios de pessoas negras que se deslocam do centro da cidade, onde estiveram a trabalhar, para a periferia. E é incrível como isso se tornou paisagem para nós.

O racismo institucional, particularmente em meio escolar, é aquele que tem investigado mais profundamente. A raça, a etnia, são por si só obstáculos ao sucesso escolar?

Existem muitos fatores que confluem

para a produção de um trajeto escolar de sucesso – classe social, escolaridade dos pais, territórios onde se vive – e um deles é a questão racial. Nós temos políticas públicas de promoção da igualdade na educação que já dão conta das questões da classe social, ou que tentam compensar o facto de algumas famílias não terem tanto capital escolar, mas não temos ainda nada pensado para a questão étnico-racial.

Como se manifesta a segregação étnico-racial em meio escolar?

Existem vários exemplos. Normalmente há escolas que vão servir esses bairros de realojamento de que falei há pouco. Essas escolas vão ter um público, ele próprio já segregado de origem. Os melhores professores não querem ir para essas escolas, as famílias com melhores condições de vida retiram os seus filhos dessas



EXCLUI A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL”



escolas... E cria-se aqui um ciclo, uma espiral de desinvestimento e também de estigma para esses territórios.

Do qual não é fácil sair...

Sim, é muito difícil sair. Quando estamos nestes contextos altamente desprestigiados, muitas escolas vão fomentar percursos curriculares alternativos ou profissionalizantes. Boa parte da oferta escolar daquele estabelecimento vai ser uma oferta que não dá acesso ou que não permite um acesso tão fácil ao ensino superior. Quando eu sou uma criança que está numa turma onde quase toda a gente tem a expectativa de ir para um curso profissional e não para um curso superior, mesmo que eu tenha esse horizonte, o contexto acabará por influenciar-me a não ir. Depois, há os nossos manuais escolares. Que imagens é que nos aparecem

de África? Escravatura, guerra, crise humanitária e retirada de recursos. As pessoas negras também aparecem quase sempre retratadas como escravizadas, em situações de miséria, no Mediterrâneo, a tentar entrar na Europa. Há um imaginário que pesa, quer na autoestima das crianças negras e na capacidade de elas se reverem naquilo que é dado na escola, quer também nas crianças e professores brancos, que se habitua a não ter que se dar ao trabalho de imaginar África de outra forma.

Qual o impacto pretendido com o Roteiro para uma Educação Antirracista, que a ESE/IPS acaba de lançar?

A educação, apesar de todos os problemas que tem, ainda é um universo onde conseguimos ter algumas discussões de fundo sobre

“O debate sobre o racismo ainda é um debate muito difícil porque existe toda esta postura de negação da existência do problema.”

o que é a igualdade, para que serve o conhecimento e para que serve a escola. É uma instituição que tem uma linha forte de autocritica e autovigilância. Desde o 25 de abril, a educação tem sido um domínio onde se tem feito muito debate sobre a democratização da sociedade portuguesa. Então, é muito importante que o faça incluindo também a questão do racismo, entre todas as outras questões que se discutem sobre a igualdade na escola. Por outro lado, é também importante fazer esta discussão em Setúbal. Sentimos que é dar um contributo num contexto onde esse debate tem muito espaço para se desenvolver.

Este roteiro pode também ser frequentado como uma ação de formação.

Sim, a ideia é que se possa frequentar cada um desses debates mensais, de forma livre ou em regime de curso de formação. Para tal, há que estar presente em todas as sessões, havendo depois um trabalho final que remete para uma reflexão sobre esse percurso. Acreditamos que pode ser um contexto muito interessante e muito libertador de aprendizagem, uma vez que quase não há sala de aula, não existe muito o registo de turma e não é sempre um professor a expor o tema.

De que falamos quando falamos de uma educação antirracista; quais são os pilares em que deve assentar?

O primeiro será o reconhecimento da questão racial. Nós temos um debate em Portugal sobre a educação intercultural. É um debate próximo da questão do antirracismo, mas não é bem a mesma coisa. Porque, por exemplo, nós temos muita população negra portuguesa, cuja cultura é portuguesa, ou seja, não há aqui um problema de contraste, de conflito cultural.

Depois, um outro pilar será uma reflexão crítica sobre Portugal, sobre o que é ser português, sobre qual é o lugar de Portugal no mundo. Este roteiro é um percurso de autocritica e também de promoção da igualdade. É uma formação que se orienta para pessoas que querem uma sociedade melhor, uma sociedade igualitária. Tem uma grande dimensão cívica e de cidadania, ao envolvermos ativistas, académicos, artistas, professores de ensino básico e secundário, e ao misturarmos questões que têm a ver com a história de Portugal, colonização e escravatura, com debates atuais da sociedade portuguesa.

No seminário de encerramento, em junho, juntam-se ao debate também os responsáveis políticos.

Sim. A ideia é que não seja apenas um debate escolástico, para pessoas que querem aprender, mas que também possa criar pontes, espaços na agenda política, sobretudo em Setúbal, e mantermos esta agenda política em cima da mesa. ■

CONFERÊNCIAS & DEBATES

DIA 23/02 | 15H | Escola de Hotelaria
(SUB)REPRESENTATIVIDADE NA (RE) PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO: EDUCADORES, INVESTIGADORES E ESCRITORES NEGROS

DIA 09/03 | 15H | Biblioteca Pública Municipal de Setúbal
EUROCENTRISMO E SILENCIAMENTO NOS MANUAIS ESCOLARES

DIA 30/03 | 15H | Escola de Hotelaria
DIVERSIDADE LINGUÍSTICA E BILINGUISMO

DIA 04/05 | 15H | Biblioteca Pública Municipal de Setúbal
EDUCAÇÃO INTERCULTURAL, ANTIRRACISTA E PARA A CIDADANIA

DÉBORA MATOS E FILIPE MONTEIRO LIDERAM MARKETING DA AFFINITY

Consultora tecnológica aposta em dois diplomados da ESCE/IPS



A equipa de Marketing da Affinity, consultora especializada em Tecnologias e Sistemas de Informação, tem dois novos reforços vindos do universo Alumni IPS: Débora Matos e Filipe Monteiro, ambos licenciados em Marketing pela Escola Superior de Ciências Empresariais (ESCE/IPS).

Depois das tecnológicas Infosistema e Growin, Débora Matos chega a *marketing manager* da Affinity, cabendo-lhe a área de serviços e tendo como principal missão reforçar o posicionamento da consultora enquanto *employer brand* (marca empregadora) no setor tecnológico.

Com sete anos de experiência em Gestão de Marketig no setor das TI, com passagens pela Xpand IT e também pela Growin, Filipe Monteiro é o novo *marketing manager* responsável pela área de produtos da Affinity, com especial enfoque no Keywork, plataforma de recrutamento e gestão de recursos humanos, desenvolvida pela consultora para dar resposta ao desafio de transformação digital das empresas.

Ambos abraçaram o novo desafio com grande entusiasmo e estão prontos para arregaçar as mangas. “É um projeto ambicioso, no qual acredito a 200 por cento!”, confessa Débora Matos, reconhecendo tratar-se de “uma evolução na minha carreira” e lembrando o contributo do percurso académico para a concretização das suas ambições profissionais. “O conhecimento e o contacto com a realidade empresarial que adquiri na ESCE/IPS foram essenciais na construção da minha carreira profissional. Contribui para uma visão mais estratégica e prática no meu desempenho ao longo destes seis anos de experiência na área de Marketing”, afirma.

Colega de estudos e agora também de trabalho, Filipe Monteiro regressa à indústria das Tecnologias da Informação motivado por um projeto que representa para si “um verdadeiro desafio”. “Tinha presente que queria voltar a esta área, mas apenas numa organização com estrutura para pensar ‘global first’ e capacidade de apostar em áreas

estratégicas como Nearshore e Desenvolvimento de Produto. Este desafio veio dar resposta a essa minha ambição e assim aproveitar todo o *know-how* adquirido nesta indústria para ajudar a Affinity a alavancar a unidade de produtos e começar a exportar tecnologia de ponta para o mercado internacional. O Keywork, enquanto produto estrela da Affinity, é sem dúvida algo com o potencial enorme”, considera.

Sobre a experiência de estudar na ESCE/IPS, onde agora também desempenha as funções de docente, Filipe Monteiro sublinha “a forte componente prática, aliada a um corpo docente com experiência relevante no mundo empresarial”, fatores distintivos que fazem com que se encontre “cada vez mais bem posicionada no ensino superior” e que faz questão de perpetuar nas suas aulas. “Como docente, procuro continuar a reforçar esta componente prática, tentando passar uma mensagem muito clara sobre o papel do Marketing nas organizações”, remata. ■

“O conhecimento e o contacto com a realidade empresarial que adquiri na ESCE/IPS foram essenciais na construção da minha carreira profissional.”

Débora Matos

DIPLOMADOS IPS PREMIADOS NA GALA DO DESPORTO DE SETÚBAL

Galardões Mérito Académico, Dirigente do Ano e Treinador do Ano

Três diplomados do IPS estiveram em destaque na Gala do Desporto de Setúbal, que, na sua 3.ª edição – a 24 de janeiro, no Fórum Luísa Todt – atribuiu um total de 14 prémios a atletas, dirigentes, clubes e outras individualidades que se destacaram no panorama desportivo do concelho.

Carlos André Martins, licenciado pela Escola Superior de Educação (ESE/IPS), foi distinguido com o prémio “Mérito Académico”, por ter sido o finalista de Desporto que obteve a melhor média de curso no ano letivo 2017/2018. Já Sandro Silva, que concluiu a licenciatura em Engenharia Eletrónica e de Computadores na Escola Superior de Tecnologia de Setúbal (ESTSetúbal/IPS), foi galardoado com o prémio “Dirigente do Ano”, pelo trabalho à frente do Vólei Clube de Setúbal, que fundou em 1990 e a que preside até hoje.

Para Carlos André Martins, ex-jogador profissional de futebol, este reconhecimento público do seu desempenho académico “significa

que nunca é tarde para recomeçar e continuar a alimentar o sonho de ser cada vez melhor, neste caso na área que amo, que é o desporto”. O diplomado, que dedicou o galardão ao colega e amigo Luís Rosindo, copiloto do helicóptero do INEM que faleceu recentemente na sequência de um trágico acidente perto de Valongo, sublinha também, no seu percurso recente na ESE/IPS, “a sorte de poder aprender com docentes de excelência que me fizeram entender e relacionar a teoria com os processos pelos quais passei enquanto jogador profissional de futebol”.

Empresário na área da instrumentação industrial, Sandro Silva tem um longo percurso no voleibol – como atleta, treinador, árbitro de 1.ª Divisão e dirigente desportivo – que passou também pelo IPS. “Enquanto estudante, fui jogador-treinador da equipa universitária, e nessas épocas conseguimos um 2.º lugar nas Ismaíadas, torneio internacional”, lembra, agradecendo o prémio de “Dirigente do Ano” como reconhecimento de “30 anos



dedicados às minhas duas paixões, o vólei e a cidade de Setúbal”.

Evento organizado pela Câmara Municipal de Setúbal, a Gala do Desporto prestou igualmente homenagem a Hélio Sousa, campeão europeu e também diplomado em Desporto



Fotos: Câmara Municipal de Setúbal

pelo IPS. O selecionador nacional de futebol sub-20 recebeu o prémio “Treinador do Ano”, categoria na qual estava também nomeado Danilo Ferreira, selecionador nacional de andebol em cadeira de rodas e atualmente a frequentar a licenciatura em Desporto da ESE/IPS. ■

JOSÉ OLIVEIRA É O NOVO DIRETOR FINANCEIRO DO GRUPO MULTIPESSOAL

Diplomado em Contabilidade e Finanças

José Oliveira, diplomado do IPS, acaba de assumir a direção financeira do Grupo Multipessoal, a maior empresa nacional no setor dos Recursos Humanos.

Licenciado em Contabilidade e Finanças pela Escola Superior de Ciências Empresariais (ESCE/IPS), José Oliveira, que passou por instituições como a Herdade da Comporta, Barclays Bank Portugal, Mercedes-Benz Financial Services e Deloitte, chega ao cargo de diretor financeiro do Grupo Multipessoal numa fase de reestruturação da empresa.

“É uma fase de transformação e, acima de tudo, de inovação. Conto com um *background* seguro e uma equipa sólida, que trabalha para o

mesmo objetivo – contribuir para o prestígio dos clientes, prestando um serviço de reconhecida qualidade para criar a Melhor Experiência de Emprego em Portugal”, explica, descrevendo a vocação do grupo.

Quanto ao seu contributo como novo responsável pelo Departamento Financeiro, assinala a missão de “estar na vanguarda do desenvolvimento interno e externo da organização, isto com a consciência da importância que a área financeira tem na integridade de todos os processos que são transversais na empresa”.

Com uma carreira de 14 anos na área da Contabilidade e Finanças, José Oliveira olha para trás, para o seu percurso académico na ESCE/IPS, e identifica aí,

além da “aquisição de conhecimentos técnicos” indispensáveis, também “o contacto com a realidade empresarial e a aplicabilidade dos conhecimentos adquiridos”, como fatores determinantes para o que tem sido o seu desempenho profissional. “Tudo isto me permitiu adquirir a capacidade de, chegado ao mercado de trabalho, responder às necessidades efetivas e específicas de cada organização, com a certeza da compreensão e articulação entre a teoria e a sua aplicação”, conclui.

O Grupo Multipessoal tem atualmente uma carteira de 850 clientes, emprega mais de 11 mil colaboradores e gere um volume de negócios na ordem dos 110 milhões de euros. ■



IPS DEU AS BOAS-VINDAS A 85 NOVOS ESTUDANTES ESTRANGEIROS

Crescimento da procura confirma atratividade internacional

Oitenta e cinco jovens de vários cantos do mundo escolheram o IPS para frequentar o 2.º semestre em Portugal, ao abrigo de programas de cooperação internacional, com destaque para o Erasmus+ (53 estudantes) e Santander Universidades (27). A estes juntam-se 17 estudantes chegados em setembro, durante o 1.º semestre de 2018/2019, e que decidiram completar o ano letivo, o que

perfaz um total de mais de uma centena de jovens estrangeiros atualmente a estudar no IPS.

Em mais uma Semana de Integração, que decorreu de 11 a 15 de fevereiro, o Centro para a Internacionalização e Mobilidade (CIMOB-IPS) delineou um programa de atividades para dar a conhecer a instituição anfitriã e também a cidade e a região envolvente, que culminou com a

habitual International Party, uma oportunidade para os estudantes de mobilidade poderem partilhar entre si pratos típicos das gastronomias dos seus países de origem.

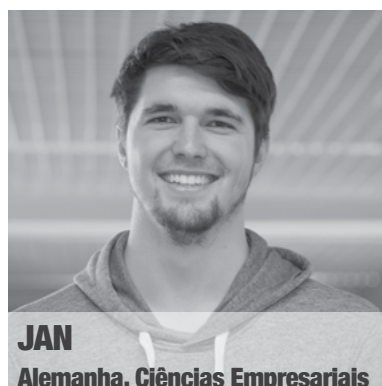
Ao todo, são 19 as nacionalidades representadas no novo grupo de estudantes de intercâmbio internacional, da Alemanha à Ucrânia, no continente europeu, passando pelo Brasil, México, China e Turquia.

Com um total de 225 estudantes, contabilizando ambos os semestres (face aos 156 de 2016/2017, e aos 200 de 2017/2018), 2018/2019 vem confirmar a tendência de crescimento do número de jovens estrangeiros que optam pelo IPS para uma experiência académica e cultural, consolidando o estatuto de instituição de referência no ensino superior, também além-fronteiras. ■



JACQUELINE
Áustria, Educação

“Queria vir estudar para Portugal, porque estive meio ano no Brasil e comecei a aprender um pouco de português. Escolhi Setúbal porque é perto de Lisboa, onde tenho amigos a viver, e sabia que não iria estudar muito se ficasse a viver mesmo em Lisboa [risos]. Uma colega de universidade também me relatou a sua experiência no IPS e disse-me que foi maravilhosa e que a região envolvente é muito bonita. Não tenho expectativas definidas, estou aberta à experiência.”



JAN
Alemanha, Ciências Empresariais

“Eu estava a considerar ou Espanha ou Portugal – tinha que ser longe da Alemanha – e escolhi Portugal e o IPS porque é junto ao mar e o ensino tem boa reputação. Nunca estive em Portugal, por isso gostava de conhecer um pouco da cultura, da língua, das pessoas. Quero também ter boas notas, para concluir o curso na Alemanha (International Management) com bons resultados.”



MARIJA
Croácia, Saúde (Terapia da Fala)

“Eu tinha três opções: Eslovénia, Bélgica e Portugal. A Eslovénia é muito perto da Croácia, na Bélgica eu já tinha feito um curso de verão. Depois havia Portugal, um país muito bonito, e a minha decisão tornou-se clara quando uma amiga, que tinha estudado no IPS há dois anos, me falou da sua experiência e da forte componente prática do ensino aqui. Venho à procura de conhecimento, experiência, de conhecer as pessoas, o País e, claro, a comida portuguesa. Disseram-me que é excelente.”



LEONARDO
Brasil, Saúde (Enfermagem)

“Escolhi Portugal pela língua, mas também pela localização e como oportunidade riquíssima de conhecer outro sistema de saúde. Dois colegas de Enfermagem brasileiros já tinham passado pelo IPS e relataram-me uma ótima experiência. É a primeira vez que saio do Brasil e sei que esta experiência me vai enriquecer como pessoa. E, como vou estar imerso na realidade hospitalar daqui, acredito também que vai ser muito bom para a minha vida profissional. Para além de contar muito no currículo, a experiência internacional abre-nos a mente para outras realidades, saímos do nosso mundinho.”

MOBILIDADE COM BRASIL E TURQUIA

Uma comitiva do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), Brasil, liderada pela reitora Maria Clara Schneider, visitou o IPS no final de janeiro, para avaliar a experiência de intercâmbio de quatro bolseiros de investigação brasileiros, acolhidos pela Escola Superior de Tecnologia de Setúbal (ESTSetúbal/IPS), na sequência de um protocolo celebrado no final de 2017. Neste novo contacto entre as duas instituições, discutiu-se o alargamento do intercâmbio de estudantes a outras áreas científicas,

a mobilidade de docentes e também o interesse na dupla titulação com os cursos de Engenharia Eletrotécnica e de Computadores da ESTSetúbal/IPS.

No mesmo período, o IPS estabeleceu igualmente contactos com a Universidade de Nisantasi, Istambul, Turquia, através de uma visita da reitora Esra Hatipoglu à ESTSetúbal/IPS para avaliar a possibilidade de futuros acordos ao nível da mobilidade de estudantes e funcionários, investigação e projetos financiados. ■



MINISTRO DA CIÊNCIA DA SÉRVIA EM VISITA

Ligação entre a academia e a indústria impressionaram comitiva

O IPS recebeu, a 14 de janeiro, a visita de uma comitiva do Ministério da Educação, Ciência e Desenvolvimento Tecnológico da Sérvia, constituída pelo ministro Mladen Sarcevic, três secretários de Estado, a conselheira da Embaixada da Sérvia em Lisboa, Bojana Didic, e investigadores de institutos e centros de investigação.

O encontro com a presidência e órgãos de gestão do IPS, que decorreu no âmbito das iniciativas de cooperação científica entre Portugal e a República da Sérvia, centrou-se na ligação estreita entre esta instituição de ensino superior e o tecido empresarial da região envolvente, que se traduz numa elevada taxa de empregabilidade, a segunda maior do ensino politécnico português.

“O que me impressionou mais foi a conexão que conseguiram aqui desenvolver entre a academia, os estudantes e a indústria”, referiu o ministro Mladen Sarcevic, identificando “muitas semelhanças com o que estamos a tentar desenvolver neste momento na Sérvia”. O governante sérvio explicou ainda as particularidades do “modelo de educação dual” que tem vindo a ser implementado naquele país do leste

europeu, onde, “para além do Estado, também algumas empresas podem financiar o ensino superior nas áreas que nos parecem estratégicas”.

A visita da comitiva ministerial sérvia passou pelas escolas superiores de Ciências Empresariais (ESCE/IPS) e de Saúde (ESS/IPS), com paragem nos laboratórios de Logística e Sense&Motion (Movimento Hu-mano), seguindo-se, já na Escola Superior de Tecnologia de Setúbal (ESTSetúbal/IPS), a Oficina LuBan Portuguesa (Laboratório em Indústria 4.0), inaugurada em dezembro último, em parceria com o Governo Municipal de Tianjin, China, e o Innovation Lab, que será inaugurado oficialmente no próximo dia 12 de março.

O ministro Mladen Sarcevic teve ainda oportunidade de interagir com os estudantes do programa BrightStart, que está a ser desenvolvido em parceria com a Deloitte e que já vai na segunda edição, sendo o exemplo acabado da “nossa aposta muito clara no saber-fazer, em estreita parceria com as empresas”, como venceu o presidente do IPS, Pedro Dominginhos. ■



POLITÉCNICO ANGOLANO PROPÕE COOPERAÇÃO



INTERCÂMBIO COM O POLITÉCNICO DE KIEV

Depois do Canadá, em 2017, o IPS enceta novo projeto de cooperação com um país fora do espaço europeu, nomeadamente com o Instituto Politécnico de Kiev – Universidade Técnica Nacional da Ucrânia, no âmbito do programa Erasmus+ e da sua ação-chave Internacional Credit Mobility (ICM).

O projeto, que vai permitir a troca de conhecimentos, boas práticas e experiências entre participantes de ambas as instituições de ensino superior, contempla quatro bolsas para pessoal docente e não docente por instituição, no período 2018-2020, tendo como áreas preferenciais de intercâmbio a Engenharia Eletrotécnica, a Internacionalização e a Investigação e Desenvolvimento.

Neste âmbito, passou recentemente pelo IPS em período de mobilidade o professor e investigador Oleksandr Bondarenko, do Departamento de Eletrónica Industrial do Politécnico de Kiev, sendo que foram já selecionados os dois docentes do IPS, Vítor Pires e Armando Pires, ambos do Departamento de Engenharia Eletrotécnica da Escola Superior de Tecnologia de Setúbal, que realizam mobilidade na Ucrânia, em fevereiro.

Pretende-se que, com base nos contactos e trabalhos desenvolvidos durante os períodos de mobilidade, seja possível alargar a cooperação entre as instituições parceiras, particularmente no que se refere a trabalhos e projetos de investigação. ■

O presidente do Instituto Superior Politécnico do Kwanza Sul, Angola, Manuel Spínola, visitou o IPS no último dia 31 de janeiro tendo em vista uma possível cooperação nas áreas de Engenharia Mecânica, Contabilidade e Enfermagem.

Em reunião com o presidente do IPS, Pedro Dominginhos, e com as direções das escolas superiores de Saúde, de Ciências Empresariais e de Tecnologia de Setúbal, o responsável angolano explicou que “uma das maiores preocupações do Politécnico do Kwanza Sul é a qualificação do seu corpo docente” e que, nesse sentido, pretende encontrar “instituições de referência em Portugal que nos possam transmitir a sua experiência”.

A instituição de ensino superior

angolana, em funcionamento desde 2007, ministra atualmente cinco licenciaturas nas áreas de Agronomia, Contabilidade e Gestão e Enfermagem, contando com um universo de 1 750 alunos.

“Angola é um país que está a crescer e necessita de qualificar pessoas. Há uma competitividade muito grande, porque as empresas estão a surgir mas, a nível nacional, não dispomos de recursos humanos capazes”, referiu, sublinhando a experiência do IPS, “não só na formação dentro da instituição, como também na ligação com o ambiente de trabalho”, muito particularmente na área da Enfermagem onde “Portugal goza do estatuto de referência em toda a Europa e em Angola também”. ■



APLICAÇÃO ONPARKINSON AVANÇA COM O APOIO DA AUBAY

Parceria possibilita nova fase de testes

As escolas superiores de Saúde (ESS) e de Tecnologia de Setúbal (ESTSetúbal) reuniram esforços para a criação de uma aplicação móvel cujo principal propósito é capacitar os doentes de Parkinson e respetivos familiares/cuidadores para uma melhor gestão da patologia.

O primeiro protótipo já está pronto para entrar em fase de testes de médio prazo fora do laboratório com utilizadores finais reais. Graças ao apoio da consultora Aubay Portugal, com a oferta de 10 tablets em dezembro último, os testes poderão finalmente avançar. Os equipamentos serão então disponibilizados a utilizadores, permitindo a obtenção consecutiva de dados a longo-termo para análise e estudo e, deste modo, potenciar a personalização que esta nova ferramenta fornece, enquanto se testa também a sua usabilidade.

O projeto ONParkinson, coordenado pelas áreas de Fisioterapia da ESS/IPS e de Informática da ESTSetúbal/IPS, está a ser desenvolvido em parceria com a Associação Portuguesa de Doentes de Parkinson (APDPk) e distingue-se da restante oferta já disponível no mercado pelo seu enfoque na comunicação entre a tríade utente, familiar/cuidador e profissional de saúde. Inclui como componentes uma aplicação móvel,

para utilização personalizada por parte das pessoas com doença de Parkinson e familiares/cuidadores, e uma plataforma *web*, através da qual os profissionais de saúde podem definir os respetivos planos de exercícios e progressões, mediante *feedback*, bem como proceder a análises mais avançadas de dados.

“Tendo em conta as aplicações que já existem, procurámos, compreendendo a evolução da doença, introduzir desde o início a figura do cuidador, que é algo que nós não encontramos no mercado. É esta a grande mais-valia da aplicação”, explica Carla Pereira, docente da ESS/IPS e uma das duas coordenadoras do projeto que, tal como o nome indica, se foca no período “on”, aquele em que o paciente se encontra ainda em estado de boa função motora.

Patrícia Macedo, da ESTSetúbal/IPS, destaca, por seu turno, o carácter “multidisciplinar” do projeto, pelo qual já passaram equipas de estudantes de áreas como Fisioterapia, Engenharia Biomédica e Engenharia Informática, bem como o facto de este ter como ponto de partida “as necessidades reais dos doentes”, apuradas através de um “estudo aprofundado junto da APDPk”. “Partimos daí e depois fomos tentar perceber como é que a ciência poderia ajudar a construir

uma solução que desse resposta a estas necessidades”, descreve.

Quanto à recente oferta da consultora em tecnologia Aubay, as coordenadoras concordam que será um “impulso grande” para o projeto, permitindo avançar para uma nova fase. “Sem passarmos por uma fase de utilização continuada, com introdução consecutiva de dados, os algoritmos não conseguem aprender, porque não foram treinados. Esse treino precisa de tempo e para ter esse tempo precisamos de equipamentos disponíveis”, consideram.

“As pessoas e a tecnologia são o *core* da Aubay e, por isso, engrandecemos muito colaborar com o IPS neste projeto que procura colocar a ciência ao serviço da saúde, ajudando com um maior acompanhamento da doença de Parkinson à distância”, referiu Fábio Pina, *happiness manager* da empresa em Portugal, aquando da reunião com as direções das escolas e coordenação do projeto para a entrega dos equipamentos tecnológicos.

Formado em Marketing pelo IPS, Fábio Pina realçou igualmente a “forte ligação” que existe entre a instituição de ensino e a Aubay, com vários diplomados IPS entre os seus colaboradores, “amizade” que deverá manter-se em futuras parcerias, nomeadamente sob a forma de estágios para estudantes. ■

AGENDA

“O RESTO, O SOBRANTE DA CIÊNCIA E FILOSOFIA” 21 DE FEVEREIRO

O IPS e a Câmara de Setúbal, parceiros no Projeto Gralha, vão retomar o ciclo de debates “O resto, o sobranço”, desta vez em torno da temática da Ciência e Filosofia. A conversa, agendada para as 17h30, no anfiteatro da Escola Superior de Educação (ESE/IPS), tem como convidados os académicos Maria Filomena Molder (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – UNL), Rui Nobre Moreira (Faculdade de Ciências – UL) e António Guerreiro (Faculdade de Belas Artes de Lisboa), também cronista, crítico literário e editor da revista “Electra”. Este é o terceiro debate promovido pelo Projeto Gralha, que arrancou em junho de 2017 e que propõe ainda refletir sobre as temáticas da Arquitetura e Urbanismo (12 de abril) e Palavras (23 de maio).

“FADO COM POESIA” ABRE 40.º ANIVERSÁRIO 22 DE FEVEREIRO

O IPS inaugura as comemorações do seu 40.º aniversário com o evento “Fado com poesia”, que decorre pelas 19h00, no átrio da ESE/IPS. Neste espetáculo reúnem-se a voz de Tiago Correia, diplomado do IPS, a guitarra portuguesa de José Geadas e a viola de João Domingos, numa atuação intercalada por momentos de declamação de poesia, com seleção e encenação a cargo de José Gil, docente e responsável pelo Teatro Politécnico do IPS.

Teatro, concertos, intervenções de artes plásticas, atividades desportivas, uma maratona fotográfica, seminários, uma ronda pelos concelhos do distrito e ainda um livro e um congresso, são algumas das iniciativas previstas neste ano comemorativo, que culminará a 7 de outubro, Dia do IPS, com uma sessão solene especialmente dedicada a estas quatro décadas de história.

5.ª SEMANA DA EMPREGABILIDADE 11 A 15 DE MARÇO

O IPS já está em contagem decrescente para mais uma Semana da Empregabilidade, um dos momentos mais altos do seu programa anual de eventos. Esta quinta edição promete a maior adesão de sempre, com a presença confirmada de mais de 130 empresas e organizações, em expositor ou através de apresentações e sessões de recrutamento. Com um programa de debates que pretende promover a reflexão em torno dos grandes temas que marcam a atualidade do mercado de trabalho, a 5.ª Semana da Empregabilidade volta a apostar na iniciativa “À mesa com...”, proporcionado conversas informais com CEO, diretores de recursos humanos e empreendedores, e, claro, na Feira de Emprego (13 e 14 de março), uma verdadeira montra de oportunidades de trabalho.